

Representações Sociais: metáforas, comunicação e literatura em crônicas de Lima Barreto

Cristina Nunes de Sant'Anna¹

Ricardo Ferreira Freitas²

Resumo: O artigo trata dos usos da semiologia, literatura, linguagem e da metáfora como tipos de representações sociais, que transitam entre as formas de comunicação, memória e cultura, com exemplos de fragmentos de crônicas de Lima Barreto.

Palavras-chave: representações sociais; semiologia; comunicação; metáfora; literatura e comunicação.

Introdução

As representações sociais confundem-se com as ciências humanas e perpassam a história das mentalidades, a sociologia, a comunicação, a psicologia, a antropologia, entre outras áreas do conhecimento. Isso ocorre pelo fato de fazerem falar, sobretudo, o imaginário e as muitas memórias da relação indivíduo-sociedade, no que tange à construção da cultura e do conhecimento. Por isso, também alcançam dimensão epistemológica considerável, dado o entrelaçamento formalizado e denso entre objeto, tema, contexto e sujeito social, estimulando-se o saber concreto desse sujeito, bem como a construção desse saber pela cultura e pela experiência vivida e comunicada. Esse processo nos torna, inclusive, todos sábios amadores, no dizer inspirado de Serge Moscovici (2003), um dos principais estudiosos de tais teorias, igualmente inspirado em Émile Durkheim.

As teorias das representações sociais, grosso modo, analisam fatores socioculturais em que estamos envolvidos todos, servindo-nos de preciosa ferramenta para mostrar a realidade sógnica que nos cerca e em que se depositam as memórias individuais e coletiva dos sujeitos sociais e das culturas que formatam.

A representação social, além de ser estudada como campo estruturado, também pode ser focalizada como núcleo estruturante, no qual o campo é abordado como campo semântico, conjunto de significados isolados por meio de diferentes métodos de associações de palavras. Trata-se de identificar as estruturas elementares que constituem o cerne do sistema da representação em torno das quais ele se organiza” (ARRUDA, 2015, p. 129).

¹ Jornalista e analista de marcas no INPI. Doutora em Ciências Sociais pela UERJ. É pós-doutoranda em Comunicação e Cultura e pesquisadora do Laboratório Comunicação, Cidade e Consumo (Lacon), também da Uerj, sob a supervisão do professor-doutor Ricardo Freitas.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Paris V - Sorbonne. Professor associado do Programa de pós-graduação em Comunicação da UERJ.

É neste recorte que gostaríamos de tratar das representações sociais neste artigo. O da semântica. Mais especificamente, o de uma figura de linguagem: a metáfora: fundada na imagem, no imaginário, na memória, na comunicação e, por isso, genuinamente humana. Para tais considerações, decidimos dialogar com alguns trechos de crônicas de Afonso Henriques de Lima Barreto, dadas a atualidade e a pluralidade da obra do autor, além de sua escrita estar bem próxima à linguagem falada, uma representação social. Sem contar que, por intermédio de muitos ou um único campo semântico (representações sociais que são), contam-se a história e a cultura de um país, de uma nação e se é capaz de conhecer e identificar suas agruras e acertos. Daí também nossa escolha de fazer da linguagem humana, e de duas de suas outras representações sociais — a metáfora e a literatura — temas deste artigo. Assim, com tal abordagem, gostaríamos de contribuir com mais uma possibilidade de discussão, estudo e pesquisa da teoria das representações sociais nos processos de cultura e comunicação.

Mito: a metáfora da criação

A linguagem humana comunica-se pela cultura, sendo ela mesma uma forma específica e especial de cultura. E cultura se faz de lembranças das lembranças — de memórias — e também de costumes, hábitos, afetos, de metáfora e biografias: a nossa e a do outro, pois a origem da linguagem estaria na poesia, na criação de mitos, na imaginação, na criação de uma metáfora fundamental que explicaria nossa existência. Chegadas e partidas de conteúdos, transpostos de um nome a outro, de uma palavra a outra, por meios de antigos nomes criados pelo espírito. A metáfora era falada pelo homem não porque falasse apenas poeticamente, mas porque precisava explicar e responder às necessidades sempre crescentes de seu espírito (Cassirer, 1972, p. 103). Esta necessidade perifrásica de descrever o mundo e nomear o pensar e o sentir míticos é salvaguardada pela metáfora fundante do próprio mito, mito que explica o homem e que pelo homem é explicado. “Linguagem e mito se acham originariamente em correlação indissolúvel, da qual só aos poucos cada um vai se desprendendo como membro independente” (Idem, p. 108). A metáfora está entre eles, com eles e além deles. É estética: contém percepções, sensações e emoções pelo que ainda será nomeado. Neste sentido, a

metáfora não seria uma tendência da linguagem, mas sua condição constitutiva.

(idem, p. 112). Diz-nos Cassirer:

“Se a imagem visual do relâmpago, na elaboração a que a linguagem se submete, é resumida na impressão de ‘serpente’, o relâmpago converte-se destarte em serpente; se designa o sol como ‘aquele que passa voando pelo céu’, o astro se apresenta como uma flecha ou um pássaro, o que ocorre, por exemplo, no panteão egípcio, com o deus Sol, representado pela cabeça de um falcão. É que nesta esfera não se verificam designações ‘puramente abstratas’, mas cada palavra se transforma imediatamente em uma figuração mítica concreta, em deus ou demônio” (Cassirer, 1972, p. 114).

Um deus ou demônio metaforizados em sua composição original, em sua forma igualmente original de explicar o mundo. Explicar/entender um conceito em termos de outro e de outros. Este é o principal papel da metáfora: assentada no princípio, na origem, reformulada pela cultura dos tempos que se foram e dos tempos que virão.

No princípio a metáfora era um verbo

Eunice Pontes (1990), em sua chave de interpretação e estudo da metáfora, considera que na utilização dos tempos verbais *presente*, *passado* e *futuro* o falante metaforiza seu discurso, pois ao se pôr em determinado espaço e tempo, este falante é capaz de utilizar os tempos verbais que domina, fora de seu sentido literal, em um sentido metafórico (Pontes, 1990, pp. 46-7). É o caso do tempo, por exemplo, presente, que pode ser utilizado como um presente histórico, isto é, reportando-se ao passado. Este uso não literal, mas conotativo, estaria no campo da metáfora. O mesmo ocorreria com advérbios de tempo, que se estruturam semanticamente com o momento e com o local da comunicação, sob o controle do falante e do ouvinte: respectivamente um e outro, outro e um, com suas similitudes e diferenças construídas pela (s) cultura (s) de seu entorno: suas representações sociais, que englobam culturas, crenças, arte, conhecimento, moral, leis.

As modificações não literais (metafóricas) do discurso, observadas em tempos verbais e em advérbios de tempo, servem a nós, falantes, para precisar e delimitar tempos, espaços e memórias, por intermédio de criações lingüísticas inesperadas e especiais que realizamos uns com outros. Isto porque a metáfora é uma figura que pode ser construída no universo da língua, tanto nos eixos

paradigmáticos, quanto sintagmáticos de um dado enunciado, por ser a metáfora uma figura derivada, à espera de uma isotopia, que ganha sentidos e não pertence ao grau zero da palavra, que é aquela que está denotada pelo dicionário. Eis a chave de Edward Lopez:

O entendimento da metáfora, como figura derivada, de um lado, de uma permuta efetuada sobre o eixo paradigmático do paradigma próprio pelo paradigma impróprio, mas realizada, de outro lado, sobre o eixo sintagmático, visto que o termo impróprio evidencia-se exatamente como tal, 'impróprio', naquele específico contexto e não em outro: a metaforização tem, como todo fato de estilo, uma origem paradigmática, mas essa origem tem uma manifestação sintagmática — ela se manifesta num espaço de localização e enquadramento de dimensões muito variadas, mas sempre no eixo sintagmático da fala (Lopez, 1986, p. 32).

Assim, este amplo espectro que a metáfora alcança e enquadra na língua, por intermédio da linguagem, e que atinge nomes, adjetivos, advérbios e verbos, frases, orações, a nosso ver, é originária daquela metáfora fundante de que nos fala Cassirer (1972), do tempo poético em que o mito estrutura-se em nós, como realidade, como metáfora e como poética no sentido da subjetividade, da intuição, fundamentando-se em uma expressão cultural, que informa sobre as relações e representações sociais.

Doutor: representação social

Esta análise, então, que vai se fazendo aqui dos usos da metáfora e dos diversos conceitos e sentidos que recebeu ao longo dos tempos, acopla a figura à poética, como sinônimo diacrônico de literatura: uma representação social, ela mesma. Inclusive o fato de a metáfora ser empregada muitas das vezes sem que o falante o perceba e também empregada na linguagem da literatura por um escritor só mostra o quanto a figura de linguagem/pensamento está estruturada como elemento formador da língua e, por conseguinte, de representações sociais.

Se somos capazes de tranpor, repor, fazer e refazer, conceituar e reconceituar, amparados pelo arsenal lingüístico que temos e utilizando palavras e expressões no lugar de outras, estamos todo o tempo a montar um mosaico de hábitos, culturas, histórias e memórias, que comunicamos todo o tempo.

Roberto da Matta, em seu livro *A Casa e a Rua* (DaMatta, 1997), no capítulo que trata sobre cidadania, analisa que, no Brasil, o sistema que vale como

modelo é o da relação, das redes relacionais familiares, entre amigos e de compadrio. É-se cidadão universal (o conceito fundador de cidadania) igual ao outro, até que uma relação privada torne desigual este conceito.

No mundo social brasileiro, o que sempre se espera em qualquer situação de conflito ou disputa é o ritual do reconhecimento, que humaniza e personaliza as situações formais, ajudando todos a hierarquizar as pessoas implicadas na situação. Pertence à nossa consciência social a distinção do tratamento por meio da regra geral (e de seus respectivos papéis sociais) como um modo de negar ou inferiorizar alguma coisa ou alguém (DaMatta, 1997, p. 80).

Isto ocorre, ainda segundo DaMatta, porque “há uma nação brasileira que opera fundada nos seus cidadãos, e uma sociedade brasileira que funciona fundada nas mediações tradicionais” (Idem, p. 86). Essa própria configuração da sociedade brasileira de uns mais iguais que outros já era apontada por Lima Barreto e se constitui, ela própria, uma metáfora: a construção da cidadania brasileira é metafórica. Vejamos: o cidadão é um homem livre em sua cidade, que vive em um estado de igualdade com o outro. Outro que lhe ombreia em deveres e direitos, como e onde encaixar, por exemplo, a figura do doutor que subsiste até hoje? Se a cidadania é pública, como a opinião pública, o doutor é um ente privado. Doutor como sinônimo de autoridade, de um ente que paira sobre nós³. Lima Barreto trata desse nosso hábito na crônica *Uma Outra*, utilizando-se de uma metáfora, para tal:

“ (...) tendo ele, daquela vez, me falado em superstição nova do nosso povo que observara, não pude conter o meu espanto e perguntei-lhe com pressa:
- Qual é?
- Não sabe?
Não.
- Pois é a do doutor.
- Como?
- O doutor para a nossa gente não é um profissional desta ou daquela especialidade. É um ser superior, semidivino, de construtura fora do comum, cujo saber não se limita a este ou aquele campo das cogitações intelectuais da humanidade, e cuja autoridade só é valiosa neste ou naquele mister. É onisciente, senão infalível.” (Barreto, 1956, p. 87).

³ Vejamos as definições do termo, fornecidas pelo dicionário Caldas Aulete digital:

1. Aquele que se formou em medicina; médico.
2. Aquele que completou o doutorado.
3. Aquele que se formou numa universidade.
4. Fig. Homem muito douto, culto, erudito.
5. Joc. Indivíduo que tem a facilidade e o costume de praticar certos atos, ter certo procedimento (ger. negativos): Ele é doutor em colar na prova sem que ninguém perceba.
6. Título conferido a magistrado judiciário
7. Pop. Forma de tratamento que denota respeito a pessoa supostamente superior na hierarquia social [F.: Do lat. *doctor, oris.*]

Fonte: <http://www.aulete.com.br/doutor#ixzz3k9fBmGjz>

O doutor compartilha o status de quase divindade. Sendo um semideus, tem por pai ou mãe um deus ou uma deusa e esta figura mítica lhe concedeu um poder especial, superior aos demais mortais. No caso aqui, foram dois os poderes concedidos: a onisciência e a infalibilidade. José Murilo de Carvalho (2005), inclusive, com outra metáfora, sentencia: “(...) havia o cidadão, o cidadão-doutor e até mesmo o cidadão-doutor-general.” (Carvalho, 2005, p. 26).

A metáfora, então, ao recriar significados inesperados para palavras ou expressões da linguagem, vale-se também da emotividade como matéria bruta e da memória como argamassa desse seu processo de confecção, abrigada pela poética (literatura).

Um tropo: muitas representações sociais

Do grego *metaphora* (meta “trans” + *pherein* “levar”), a figura de linguagem/pensamento *metáfora* pode ser entendida em sua definição mais antiga (aristotélica) como transferência implícita de um sentido original de uma palavra, para o figurado, o metafórico: um nome que designa, desloca-se em outro. O tropo também possui grau comparativo, omitindo-se, por elipse, a conjunção comparativa “como”. Se, na visão clássica, metáforas eram incluídas em manuais de retórica (e de poética), como estratégias de adorno e de persuasão no discurso e na linguagem literária, estudos contemporâneos não mais confinam a metáfora a recurso ornamental. A metáfora é indissociável do pensamento e, por conseguinte, da linguagem (incluída também, aí, a linguagem literária), da experiência, e, por isso mesmo, da cultura. Este “mecanismo humano” denominado metáfora se funda nas histórias, nas memórias, nas vivências, nas relações e representações sociais e também na identidade de cada um para ser posto em ação.

Mas a metáfora é também um diálogo implícito, uma estratégia de compreensão mútua entre nós e o outro, o outro e nós — nós (outros) — que somos capazes de identificar, entender e trocar metáforas, perfazendo um processo histórico-social pela estrada imemorial da linguagem.

Edward Lopes (LOPES, 1986) considera que o mundo humano é o mundo dos saberes, do mito, do sonho, do debate, da intuição e do sentimento, o mundo das figuras: um mundo metafórico (Lopes, 1986, p. 5).

Quando a área das ciências sociais e humanas descobre que seu objeto de estudo são os discursos da comunidade, e que todos esses discursos sociais são retoricizados, guardando nas marcas dos seus desvios e das suas figuras o conflito intertextual do dito e do interdito, do sentido autorizado e do subversivo, da palavra própria e da palavra imprópria, nesse contexto de retorno às bases ideológicas do discurso, enquanto espaço de manifestação vigiada dos saberes problemáticos, é que o estudo das figuras como a metáfora e a alegoria adquire significado” (IDEM, pp. 4-5).

Do que se pode, então, inferir, sobre as considerações de Edward Lopez (1986), é que subjaz na metáfora um processo que une conhecimento, ordenação e ideologia nos desvios, nos vãos e também no próprio discurso como metalinguagem, dos muitos sentidos que o discurso pode ter, coalhado que é das mais diferentes representações sociais.

Observemos as expressões pobre-diabo e habitações mercenária, apresentadas em um fragmento da crônica de Lima Barreto, transcrito a seguir:

Atualmente, nada mais mete medo a um pobre-diabo que a tal história do aluguel(...). Para melhorar um tão doloroso estado de coisas, a Prefeitura põe abaixo o Castelo e adjacências, demolindo alguns milhares de prédios, cujos moradores vão aumentar a procura e encarecer, portanto, ainda mais, as rendas das habitações mercenárias” (Barreto: 1956: p. 33).

Desde logo, a metáfora encerrada na expressão *pobre-diabo* (com grifo nosso, no fragmento transcrito acima) evidencia a qualquer leitor, criado ou nascido no Brasil e falante da língua portuguesa, que o autor tratará de gente não abastada. Se metáforas estão ligadas aos conceitos de denotação e conotação, que estão associados, respectivamente, a valores referenciais e emocionais (Paiva, 1998, p. 156), em *pobre-diabo*, teríamos, isoladamente, duas denotações: o sujeito sem recursos (o pobre) e o anjo rebelde expulso do céu, para a religião cristã (o diabo), transformadas em uma única conotação (metáfora), juntando-se os dois vocábulos em uma única expressão, num processo que, ao mesmo tempo, desvia, refaz, transfere, acrescenta e recupera palavras próprias e impróprias. Teremos, então, um pobre que continua pobre (denotação), mas é, agora, um *pobre-diabo*, isto é, um ninguém, um ser insignificante, sem prestígio social, transformado em um ente ainda pior do que um pobre, pois unido, agora, ao diabo.

A metáfora (conotação) utilizada pelo escritor (e também por nós, falantes) explica por si só que se trata de uma pessoa que vive na mais absoluta pobreza, pobreza diabolicamente pobre, pois o termo *diabo* encerra um rol de idéias e conceitos negativos, que amedrontam quem nele crê. Mas é preciso observar também que a metáfora *pobre-diabo* passa a enfraquecer a força e o mal do diabo, que não teme a Deus, mas teme o aluguel porque é um *pobre-diabo*.

Neste processo, não se opera apenas a criação/uso de uma figura de linguagem/pensamento, no caso, a metáfora. Opera-se uma dimensão histórico-social de uma parcela específica da população, em uma época específica — a Primeira República brasileira — diante de uma política urbana de governo específica, aplicada a uma classe social determinada. No ensaio *O pobre-diabo no Romance Brasileiro* (2008), José Paulo Paes afirma que a expressão serve para caracterizar um tipo de herói, ou melhor, um tipo de anti-herói da ficção (Paes, 2008, p. 51). Vale registrar que a expressão vigora até hoje na língua portuguesa.

Processo equivalente de formação metafórica ocorre com *habitações mercenárias*, na mesma crônica. Mercenário é quem trabalha somente por interesse particular, sem qualquer espécie de ligação com a atividade que desempenha.

Mas *habitações* não são de forma alguma *mercenárias*. Entretanto, metaforicamente, estavam fazendo as vezes de. Esta construção nos causa estranhamento, porque nos desvia de seu sentido literal, conotativo. De acordo com Lopez (Lopez, 1986, p. 17) este estranhamento seria uma das funções mais nobres da metáfora porque se estoca nos múltiplos contextos de cultura e, por conseguinte, de representações sociais do leitor e do escritor. O estranhamento tem a ver com surpresa e também evidência três espécies de vivências: a do escritor, a do leitor e a do falante que, juntas, serão capazes de reestruturar um novo significado para o termo porque compartilham conhecimentos comuns e também díspares. O estranhamento é, nestes termos, um instrumento cognitivo (Idem, p. 17).

Assim, com sua crônica, Lima Barreto quer nos dizer que, com a derrubada de várias *habitações* no centro da cidade do Rio de Janeiro (sem que o governo da Primeira República acenasse com qualquer política habitacional), os moradores expulsos (os pobres-diabos) se arranjaram como puderam: ou foram para os subúrbios ou subiram morros, originando-se as atuais favelas. As poucas construções residenciais restantes no centro do Rio alcançam valores altíssimos e impagáveis por essa parte desalojada da

população (de novo os pobres-diabos). Na “habitação mercenária” de Lima Barreto, alojam-se a política de derrubada e de construção da dita modernidade pelo Pereira Passos, endossada pelo presidente Rodrigues Alves, que nomeou Passos, para modernizar a região portuária e o centro da cidade e empreender a campanha higienista de limpar, arrasar, derrubar, descontaminar, desinfetar. Termos que pertencem a campo semântico bem específico e autoexplicativo: o da eliminação. Tem-se um plano diretor específico, para o uso urbano da cidade, então. Planos diretores de uso e ocupação do solo urbano são traçados a pedido e sob a jurisdição formal de um Estado, de um Governo. Caso semelhante volta a ocorrer, com as obras de embelezamento na região da Praça Mauá para as Olimpíadas de 2016.

De modo geral, a metáfora apresenta-se como uma figura elíptica em meio às formas sintáticas de uma língua, para estabelecer identidades, e a figura em estudo, no entender de Todorov (1968), “não é outra coisa senão uma disposição particular de palavras que podemos nomear e descrever” (TODOROV, 1968, p. 31), unindo-se a *literalidade* (no sentido de literal) e o sentido figurado de um discurso, o sentido conotativo, o da *literariedade* (o da poética, como sinônimo diacrônico de literatura)

Roberto da Matta (1994), em artigo intitulado *A Obra Literária como Etnografia*, considera que o texto literário é uma “narrativa mítica” (Da Matta, 1994, p. 48) (e, portanto, metafórica), sendo analisado, inicialmente, por suas dimensões internas para depois se abrir ao exame histórico-social (Idem, p. 49). Da Matta (1994) postula que se o texto literário conta uma sociedade e faz falar essa sociedade é a narrativa que pode ser tomada como a própria sociedade, as entranhas dessa narrativa.

A metáfora pode abrir nosso olhar para o outro e para nós mesmos; para as ações humanas porque a figura serve-nos também de afeto, de alimento às emoções e à memória, que angaria e resguarda emoções, além de nos fazer experimentar uma experiência estética. Metáforas formam em nós engramas (MARQUES, 1965, p. 28), isto é, marcas que podem ficar retidas em nossa memória pela ação da literariedade e literalidade que possuem representações sociais.

Paul Ricoeur (2000) considera a metáfora um acontecimento. A metáfora seria responsável pelos eixos de significação da natureza, que está configurada pelas ações humanas. Talvez por isso, Ricoeur considere a metáfora um poema em miniatura

(Ricoeur, 2000, p. 339). Leiamos, então, parte da crônica *Os Enterros de Inhaúma*⁴, escrita por Lima Barreto:

(...) Vem porém o enterro de uma criança. São moças que carregam o caixão minúsculo; mas assim mesmo, pesa. Percebo-o bem, no esforço que fazem. Vestem-se de branco e calçam sapatos de salto alto. Sopesando o esquife, pisando o mau calçamento da rua, é com dificuldade que cumprem a sua piedosa missão. E eu me lembro que ainda têm de andar tanto! Contudo, elas vão ficar livres de um suplício; é o do calçamento da rua do Senador José Bonifácio. É que vão entrar na Estrada Real; e, naquele trecho, a prefeitura só tem feito amontoar pedregulhos, mas tem deixado a vetusta via pública no estado de nudez virginal em que nasceu. Isto há anos que se verifica. Logo que as portadoras do defunto pisam o barro unido do velho trilho, adivinho que elas sentem um grande alívio dos pés à cabeça. As fisionomias denunciam. Atrás, seguem outras moças que as auxiliarão bem depressa, na sua tocante missão de levar um mortal à sua última morada neste mundo; e, logo após, graves cavalheiros de preto, com o chapéu na mão, carregando palmas de flores naturais, algumas com aspecto silvestre, e baratas e humildes coroas artificiais fecham o cortejo.” (Barreto, 1956, p. 287).

Dos buracos abissais, passa-se a uma via poeirenta, sem calçamento. Os pés sujam-se do barro antigo, mas há alívio. Lima Barreto nos dá a exata idéia da dificuldade, dos obstáculos do caminho, até o barro, quando tudo se alivia na nudez virginal da via pública vetusta. Vetusto é o que é muito, muito antigo. Uma rua virgem e nua, de qualquer toque, carícia, afago do poder republicano, desde que nasceu. Rua barrenta, já bem próxima do cemitério, que não mais machucará os pés dos que carregam o defunto, que se livra do risco de cair de seu caixão. Do barro, do pó vieste, ao pó irás retornar. Está próximo. As fisionomias são de alívio. Metáfora que Lima Barreto constrói da escassez de obras e paramentos, em regiões distantes do centro da cidade. Metáfora de horror, que une traços estéticos, das impressões que temos, a partir das impressões do autor, traços linguísticos, traduzidos em expressões da língua, edulcorados pela conotação e a subjetividade. Isto porque metáforas são elementos colhidos na cultura e que incorrem na linguagem humana. Mais do que uma figura de linguagem e/ou pensamento é uma figura que retrata aspectos da sociedade. “A metáfora é lingüística, conceitual, neural, corpórea e social ao mesmo tempo” (Siqueira, p. 101).

Considerações finais

⁴ A crônica foi escrita em 1922, na Revista Careta. Inhaúma fica no subúrbio do Rio de Janeiro. Muitos dos moradores do centro da cidade foram morar em Inhaúma, após as reformas do prefeito Pereira Passos. Hoje, a região é rodeada de favelas.

Metáforas, então, constituem-se de uma tripla natureza: são fatos lingüísticos, são invenções estéticas e são mediadas pela cultura. É a cultura que lhes dá estofa e compasso, permeada pela criatividade do falante.

Neste trajeto que fizemos até aqui, apresentamos conceitos formulados por alguns autores sobre como analisam e definem metáforas, que entendemos como formadoras de representações sociais. Por esta razão, inclusive, haveria metáforas literárias, em que ocorreriam, prioritariamente, impulsos estéticos e as metáforas ditas de uso, ou ainda, metáforas de primeiro e segundo graus. Embora tenhamos utilizado textos pertencentes ao cânone literário (parte das crônicas de Lima Barreto), para ilustrar nossos comentários, consideramos ser a língua um código e deste mesmo código se servem escritores e não escritores, poetas e cientistas. Pela maneira que vão construir seu discurso, sua narrativa, o escritor e o cientista são igualmente capazes de construir metáforas, recurso que traz conhecimentos e verdades, e também falsidade porque nega e desvia. A metáfora seria construída pelo eixo paradigmático da linguagem, estrutura formada pela cultura e pelo uso, pelas representações sociais. O processo de substituição de palavras por outras palavras não seria, no fundo, uma substituição de idéias, formuladas pela cognição? Não se reflete acerca da escolha de uma palavra ou outra (claro que há uma limitação destas escolhas, estruturadas previamente pela cultura) na montagem e modificação de um paradigma? E não é o sujeito social que reflete e faz tais escolhas? Então a mente seria a metáfora das metáforas, no entender de Paul de Man (MAN, 1992, p. 28):

Refletir é um ato analítico que distingue diferenças e articula a realidade. Tais articulações são chamadas de abstrações, e teriam de incluir qualquer ato concebível de denominações ou predicação (...) o sujeito (ou mente) 'é' na medida em que 'é como' o outro em sua incapacidade de ser. (...) O ser e a identidade são o resultado de uma semelhança que não está nas coisas, mas é postulado por um ato da mente, que, como tal, pode ser apenas verbal. E já que ser verbal, neste contexto, significa permitir substituições baseadas em semelhanças ilusórias, então a mente, ou sujeito, é a metáfora central, a metáfora das metáforas (IDEM, p. 30).

Ora, a metáfora é um instrumento de cognição. Tanto que formulamos conceitos de outros conceitos, num processo que constrói, desconstrói, renova e mata metáforas (as catacreses), para fazê-las renascer, em última análise, na formulação de processos cognitivos. São operações mentais que vão se transformar, quase que à velocidade da luz, em enunciados orais. Então, entre o ser e a identidade, conforme preceitua de Man, nossa mente seria, de fato, a metáfora das metáforas e as outras mentes também, com quem dividimos o mundo e as idéias. Está-se de volta ao

mesmo ponto que viemos tratando: a mente formaliza metáforas, mas precisa compartilhá-las com outras mentes. Há necessidades de suportes vindos de diferentes linguagens, de diálogos, de vivências. Há cultura estruturada em nós, que será codificada e decodificada em metáforas e em catacreses e, assim, sucessivamente, numa bricolagem incessante, que teve início no imaginário, no mito, quando o mundo começou a ser humano, e chegou até as representações sociais.

Referências:

- ARISTÓTELES. *A Arte Retórica e a Arte Poética*. RJ: Ediouro, s/d.
- ARRUDA, Angela. Teoria das Representações Sociais, Teorias de Gênero. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf> Acesso em: 4/dez/2014.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis*. SP: Editora Perspectiva, sem data.
- BARRETO, Lima. *Obras Completas*. Direção de Francisco de Assis Barbosa e colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BURKE, Peter. *Uma História Social do Conhecimento – De Gutemberg a Diderot*. RJ, Jorge Zahar, 2003.
- _____. *O que é História Cultural?*. RJ: Zahar, 2005.
- CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*. SP: Mestre Jou, 1972 a.
- _____. *Linguagem e Mito*. SP: Perspectiva, 1972 b.
- CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. SP: Cia da Letras, 2005.
- CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CLIFFORD, James. *A experiência Etnográfica – Antropologia e Literatura no século XX*. RJ: Editora UFRJ, 1998.
- DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. RJ: Rocco, 1997.
- _____. “A Obra Literária Como Etnografia. In: _____. *Conta de Mentiroso – Sete ensaios sobre Antropologia Brasileira*. RJ: Rocco, 1994, pp.35-58.
- DOMENACH, Jean-Marie. *Abordagem à Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- DOSSE, François. “A oposição História/Memória”. In: _____. *História e Ciências Sociais*. SP: Edusc, 2004. pp. 169-191.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. SP: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. SP: Perspectiva, 1972.
- FILIPAK, Francisco. *Teoria da Metáfora*. Curitiba, HDV, 1983.
- FINGER, Ingrid. *Metáfora e Significação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- GAGNEBIN, Marie Jeanne. *O Rastro e a Cicatriz: Metáforas da Memória*. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/39-dossie-gagnebimjm.pdf> Acesso em: 12 de março de 2012.
- GASSET, José Ortega y. *A Desumanização da Arte*. SP: Cortez, 2008.
- GENETTE, Gérard. “Estruturalismo e Crítica Literária”. In: COELHO, Eduardo Prado (org.). *Estruturalismo – Antologia de Textos Teóricos*. Brasil: Martins Fontes, sem data.
- GEERTZ, Clifford. *O Antropólogo Como Autor*. RJ: Editora UFRJ, 2005.
- _____. *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste, 2004.
- GUÉRIN, Michel. *O que é uma Obra?*. RJ: Paz e Terra, 1995.
- GUIMARÃES, Elisa. *A Articulação do Texto*. SP: Ática, 2002.
- GUYAU, Jea-Marie. *A Arte do Ponto de Vista Sociológico*. SP: Martins, 2009.
- HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: Construção e Interpretação da Metáfora*. Campinas: Unicamp, 2006.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura Como Provocação Literária*. SP: Ática, 1994.
- JIMENEZ, Marc. *Estética*. RS: Unisinos, 1999.
- KLINGER, Diana. *Escritas da Si, Escritas do Outro: O Retorno do Autor e a Virada da Etnografia*. RJ: 7 Letras, 2012.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – Um Conceito Antropológico*. RJ: Zahar, 1986.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. SP: Unicamp, 2006.
- LEPENIES, Wolf. *As três Culturas*. SP: Edusp, 1985.
- LOPES, Edward. *Metáfora – da Retórica à Semiótica*. SP: Atual, 1986.
- MAN, Paul. “A Epistemologia da Metáfora”. In: SACKS, Sheldon (org.). *Da Metáfora*. SP: EDUC/Pontes, 1992, pp. 28-43.
- MARQUES, Oswaldino. *Teoria da Metáfora e Renascença da Poesia Americana*. RJ: Livraria São José, 1956.
- MENESES, Ulpiano T. *A História, Cativa da Memória?*. SP, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 1992, pp. 9-23.
- MIRANDA, Angel Alvarez. *La Metáfora y el Mito*. Madrid: Turus Ediciones, 1963.
- MONS, Alain. *A Metáfora Social – Imagem, Território, Comunicação*. Porto: Rés Editora, s/d.
- MOSCOVICI, S. *La psychanalyse, son image, son public*, University Presses of France, 1961.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2003.
- NUNES, Jordão Horta. *As Metáforas nas Ciências Sociais*. SP: Editora UFG, 2005.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*. SP: Brasiliense, 1991.
- PAES, José Paulo Paes. *Armazém Literário – Ensaios*. SP: Cia da Letras, 2008.
- PAIVA, Vera Lúcia Meneses de Oliveira (org.). *Metáforas do Cotidiano*. BH: Edições do Autor, 1998.
- PANDOLFO, Maria do Carmo Peixoto. *Mito e Literatura – Práticas de Estruturalismo*. RJ: Plurarte, 1981.
- POLLAK, Michael. *Mémória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, volume 2, nº 3, 1989, pp. 3-15.
- _____. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, volume 5, nº 10, 1992, p. 200-212.
- PONTES, Eunice (org.). *A Metáfora*. Campinas: Unicamp, 1990.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. RJ: UFRJ, 1983.
- _____ e VALENÇA, Rachel. *Lima Barreto Toda Crônica – Volume I – 1890-1919*. RJ: Agir, 2004.
- RICCIARDI, Giovanni. *Sociologia da Literatura*. Lisboa: 1971, Publicações Europa América.

- RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. SP: Edições Loyola, 2000.
- RIEDEL, Dirce Cortes. *Viver Literatura*. RJ: Eduerj, 2009.
- SAHLINS, Marshall. *Metáforas Históricas e Realidades Míticas*. RJ: Zahar, 2008.
- SALDANHA, Nelson. *Criatividade e Metáfora em Ciências Sociais*. Síntese Nova Fase. BH, volume 23, nº74, 1996.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda. "A Construção Social da Memória". In: _____. *Memória Coletiva e Teoria Social*. SP: Annablume, 2003, pp.33-93.
- SIQUEIRA, Maity et al. *Metáfora e Cultura: Uma Interface entre a Lingüística e a Antropologia*. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/404/338>
Acesso em: 4 de novembro de 2012.
- SODRÉ, Muniz. *Síntese da História da Cultura Brasileira*. RJ: Civilização Brasileira, 1981.
- _____. *Semiologia e Literatura*. RJ: Tempo Brasileiro, 1979.
- SPERANDIO, Natália e ASSUNÇÃO, Antônio Luiz. *Pensando a Metáfora por um Viés Cognitivo-Cultural*. Revista ReVele nº 3, Agosto/2011.
- TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. RJ: Difel, 2009.
- _____. *As Estruturas Narrativas*. SP: Perspectiva, 1979.
- _____. *Estruturalismo e Poética*. SP: Cultrix, 1968.
- VELHO, Gilberto (Org.). *Arte e Sociedade – Ensaios de Sociologia da Arte*. RJ: Zahar, 1977.

Social Representations: metaphor, communication and literature in Lima Barreto chronicles

Abstract: This article deals with the uses semiotics, literature, language and metaphor as types of social representations that integrate both forms of communication, memory and culture, drawing on Lima Barreto chronicles fragments.

Keywords: social representations; semiotics; communication; metaphor; communication and literature.

Representación Social: metáfora, comunicación y la literatura en Lima Barreto crónicas

Resumen: Este artículo trata de la Semiótica usos, la literatura, el lenguaje y la metáfora como tipos de representaciones sociales, que transitan entre las formas de comunicación, la memoria y la cultura, con ejemplos de Lima Barreto narra fragmentos.

Palabras clave: Representaciones sociales; la semiótica; comunicación; metáfora; la literatura y la comunicación.

Recebido: 02.05.2015
Aceito: 11.08.2015